

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Camila Giovanelli Sampaio Pádua

**A semiótica dos memes autodepreciativos**

Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital - TIDD

SÃO PAULO

2022

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Camila Giovanelli Sampaio Pádua

**A semiótica dos memes autodepreciativos**

Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital - TIDD

Tese apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Lucia Santaella Braga

SÃO PAULO

2022

Banca Examinadora

---

Maria Lucia Santaella Braga, Doutora,  
PUCSP

---

Marcelo Vieira Graglia, Doutor,  
PUCSP

---

Antônio Roberto Chiachiri Filho, Doutor,  
Universidade Metodista de São Paulo

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

## AGRADECIMENTOS

A pai Olorum e aos meus amados e sagrados Orixás e guias. Vó Benedita que com todo seu amor e carinho, jamais me desamparou nos momentos de dor. Adorei as almas.

A minha mãe, Sandra, pelo apoio e dedicação constantes, não me deixando desistir e sempre me motivando a seguir aquilo que escolhi fazer não importando o que acontecesse.

Isabela, Lica, Caio, Olivia, Gabriel, Sam, Leon, Thays, Rafael, Patty, Dai, Caren, May e Rodrigo por estarem ao meu lado nesta caminhada não me deixando desanimar e nem desistir. Por todos os conselhos, abraços e broncas dadas que me fizeram chegar até aqui.

Aos meus professores, em especial a professora Evelyn, que me alfabetizou e as professoras Haydee, Lucia, Patrícia e professor Marcelo que sempre acreditaram no meu potencial, acreditaram neste trabalho e sua importância, agregando valores que carregarei pelo resto da vida neste processo que é viver e aprender todos os dias.

Aos meus e minhas terapeutas e psiquiatras, Sandy, Yurin, Alex, Edmilson, Giovanna, Delano por me acompanharem em todas as idas e vindas, altos e baixos não desamparando. Alex e Giovanna vocês mudaram e estão mudando minha vida!

As bandas The 1975, Linkin Park, Halsey, Bastille, Twenty One Pilots, Bring Me The Horizon que me inspiraram e deram ânimo para continuar escrevendo enquanto me levava por suas melodias. Chester, *in memoriam*, a falta que sinto da sua voz é absurda. Saiba onde estiver, que este trabalho é por você!

E por último, mas não menos importante, as minhas companheirinhas de quatro patas, Claudia, Leia, Pandora, Amora, Jordana e Bartholomeu. Vocês são minha maior alegria nessa vida.

À minha mãe por acreditar em mim sempre!  
Ao Chester (*in memoriam*), por impulsionar meus sonhos mesmo distante e por não ter conseguido vencer a sua própria dor. É por você que dou início ao meu trabalho.

*Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo, mas estou cheio escravos, minhas lembranças escorrem e o corpo transige na confluência do amor.*

*Carlos Drummond de Andrade, 1940.*

## RESUMO

A dissertação propõe por meio da análise semiótica, um estudo dos memes de gênero autodepreciativo, considerando os signos imagéticos de extrema importância para a compreensão de como questões de saúde mental podem se expressar e até mesmo terem algum alívio quando postas sob a ótica memes que são veiculados nas redes sociais modernas. Antes de seguirmos por este caminho, ocorre uma contextualização, dado o cenário atual e inesperado da Pandemia de COVID-19 que assola todo o mundo há quase dois anos.

**Palavras-chaves:** semiótica, memes, redes sociais, saúde mental

## ABSTRACT

The dissertation proposes, through semiotic analysis, a study of self-deprecating gender memes, considering that the imagistic signs of extreme importance for the understanding of mental health issues can be expressed and even have some relief when put under the perspective of memes that are conveyed on modern social networks. Before following this path, there is a contextualization, given the current and unexpected scenario of the COVID-19 Pandemic that has been plaguing the entire world for almost two years.

**Keywords:** semiotics, memes, social networks, mental health

## Lista de figuras

|   |    |
|---|----|
| minha geração será conhecida por querer morrer e memes..... | 01 |
| modernidade Líquida.....                                    | 17 |
| @nazareamarga.....  | 19 |
| blue monday: metameme e sua função.....                     | 33 |
| what can I say? I'm survivin'.....                          | 39 |
| the emptiness is heavier than you think.....                | 42 |
| <i>welcome to trench</i> .....                              | 46 |
| i know it's over/ I was born a choker.....                  | 49 |
| there'll be no bad days.....                                | 52 |

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| provisoriamente não cantaremos o amor.....  | 02 |
| que se refugiou abaixo dos subterrâneos.....  | 05 |
| cantaremos o medo que esteriliza os abraços.....  | 08 |
| cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo: o panorama da COVID-19.....      | 11 |
| algoritmo da vida.....  | 14 |
| <i>now my demons, they got demons, and I've no more tears to feed them: a cultura da depressão na internet.....</i> | 16 |
| <i>i guess I'm bet-better off, off alone: os memes autodepreciativos.....</i>                                       | 21 |
| <i>somebody, bring me the horizon, this view is boring me: a felicidade das redes.....</i>                          | 24 |
| <i>sometimes I just wanna die Wish that I could tell you why: uma visão semiótica dos memes .....</i>               | 27 |
| 2.Considerações finais.....   | 55 |
| Bibliografia.....   | 58 |



*Minha geração será conhecida por querer morrer e memes*

*Figura 1*

## **provisoriamente não cantaremos o amor**

Saindo do bacharelado em Ciências Sociais, tinha alguns sonhos em mente, os quais dois eram certezas absolutas até então: queria ser professora dentro deste imenso universo que é a academia e ao mesmo tempo, capaz de desenvolver uma ferramenta, em que construindo-se uma equipe a qual agregasse diversas áreas do conhecimento (psicologia, sociologia, semiótica, programação, neurolinguística e afins), fôssemos capazes de compreender os transtornos mentais a fundo, tendo como coração e base deste projeto, as quantidades infinitas de gigas de informações que usuários das redes produzem a todo momento, dando especial atenção aos memes. Entretanto, fui levada por muitos momentos de altos e baixos nesse meio tempo. Certezas demais sobre meu tema, que por vezes sinto ter beirado uma arrogância e ao mesmo tempo incertezas demais sobre meu futuro profissional e questões pessoais.

Em meio a este turbilhão de emoções o qual denominamos vida, por muitas vezes senti como se este projeto tivesse em si perdido sua essência. Nos momentos de melhora psíquica, a dor perdia sentido, ao mesmo tempo em que, nos momentos de dor intensa, era impensável olhar para tal tema, tocar na ferida. Não quero tornar este trabalho um desabafo, mas ele jamais seria completo se não fosse um espaço onde me sinto segura em mostrar o lado mais vulnerável do ser humano que são as emoções. E talvez expor deste modo estas idas e vindas, ajude a ressignificar os planos que soavam tão bonitos quando pude oficialmente ser chamada de socióloga.

Vi no TIDD a possibilidade de agregar novas áreas do conhecimento junto a tecnologia, expandindo assim meus olhares sobre temas relevantes a minha tese e ao mesmo tempo, tornando-a visível a outros olhos que idealizem os mesmos objetivos. Sei que há ainda infinitas possibilidades de tornar esta ferramenta real e ativa, levando um pouco de esperança e luz a aqueles que atravessam águas turbulentas como as que já naveguei e ainda navego, ser aquela simples mão que só precisa ser estendida.

Deste modo, durante a elaboração de minha monografia como Bacharel em Ciências Sociais, *Sofrência Online: Estudo de jovens nas redes sociais- Facebook (2018)*, foi possível analisar e validar a existência de um mal-estar com as novas formas de relações sociais que se expressam na condição existente entre a modernidade e a pós-modernidade, em que a liquidez das relações humanas, exposta especialmente pelos trabalhos do sociólogo Zygmunt Bauman, nos lançou a um novo mundo de incertezas e angústias, em que se vive o agora, pois do amanhã não se tem certeza o que será.

Dentro desta perspectiva, observei jovens, em sua maioria pertencentes a geração Z, que são pessoas nascidas a partir da segunda metade da década de 1990. Esses indivíduos (...) são totalmente familiarizados com as últimas tecnologias digitais e não encontram dificuldade alguma em aprender a lidar com as novidades que aparecem praticamente todos os dias nesse mercado, diferentemente dos membros das gerações que os antecedem. O "Z" vem de "zapear", ou seja, trocar os canais da TV de maneira rápida e constante com um controle remoto, em busca de algo que seja interessante de ver ou ouvir ou, ainda, por hábito. (Kämpf, 2011, p. 01), imersos na rede, capturados por seus dispositivos eletrônicos que descobriram meios de transformar suas angústias e conflitos, presentes na transição para a vida adulta, em riso, puro humor, através dos memes.

*Meme*, termo cunhado na década de 1970 e que cinquenta anos depois não imaginávamos ser a nova forma de mostrar, por meio da sátira, que existe algo estranho pairando no ar, que as relações humanas já não se expressam do mesmo modo e por mais que de alguma forma, já tenhamos consciência dessa nova condição, isso ainda nos causa angústia e medo (PADUA, 2018).

Enxergando este lado sombrio por detrás deste humor tão escancarado dos memes, passei a questionar qual seria a real possibilidade de qualquer jovem apresentado durante o meu trabalho vir a cometer de fato uma atitude contra si mesmo. Desistir de viver, abandonar o aparente humor de suas postagens criticando a vida e cometer suicídio.

A partir deste questionamento e retornando para o ponto inicial de minha pesquisa que foram as redes sociais, em especial o Facebook, comecei a desenhar uma possível saída para que possamos prever e até mesmo evitar novos casos de suicídios: os memes analisados a partir de uma visão semiótica, traçando padrões de linguagem e imagem que mostrem potencial ao suicídio nestas publicações e desta forma, seja viável futuramente com a adição de outros mecanismos, oferecer apoio a quem precisa e está claramente, muitas vezes, pedindo por ajuda.

Focando no cerne deste trabalho, busco uma análise semiótica, pautada nos conceitos trazidos por Santaella em obras como *Semiótica Aplicada* e *Introdução a Semiótica*, dos memes, visando compreender quais são suas mensagens e como elas podem expressar uma tendência sinais comportamentais autodepreciativos, um padrão que se repete e indica que o indivíduo que compartilha aquele tipo de signo pode estar precisando de um auxílio psicológico. Além desta autora, complementarei com pesquisas e estudos recentes sobre suicídio e redes sociais, de como esses memes muitas vezes tornam-se parte de um processo terapêutico autônomo e online.

## **que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos**

Segundo levantamento apresentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos. Tendo em vista um quadro tão sintomático e grave, encontra-se o escopo para a realização deste trabalho.

É perceptível também a baixa recorrência do tema dentro da academia. Talvez este seja um dos primeiros passos que ainda daremos dentro desta nova perspectiva de expressão e análise das relações humanas, de indivíduos conectados o tempo todo à rede e que serão fornecedores de grande e valioso material no que diz respeito principalmente as novas formas de relação social e a um movimento cada vez mais nítido e sensível de tornar líquido instituições, conforme pontua Bauman, que até décadas atrás nos pareciam ser extremamente sólidas (PADUA, 2018).

Compreender esta nova forma de comunicação que é o meme, ao ponto de poder utilizá-la como um caminho a ser seguido até estes jovens que precisam de auxílio psicológico, mostra-se como uma das muitas saídas que podemos desenvolver para tratar esta epidemia silenciosa que leva uma vida a cada 40 segundos no mundo.

Tratar o suicídio de modo preventivo, monitorando postagens que mostrem uma tendência a tal ato, por meio dos memes e sua linguagem, pode salvar, assim como o uso da IA já vem fazendo através do monitoramento de tweets com potencial caráter suicida, centenas de vidas que só necessitam de uma mão a ser-lhes estendida.

Compreendendo o padrão, a linguagem e a mensagem presente através do gene cultural que é o meme, Richard Dawkins, no livro *O Gene Egoísta* (2001), apresenta a partir de uma derivação das teorias Darwinistas sobre a evolução dos genes, que o meme seria a unidade de evolução cultural humana, assim como é o gene a unidade de evolução biológica humana, em específico os memes do gênero autodepreciativo, podemos

levantar a hipótese de que estes conteúdos nos deixam um caminho aberto até pessoas que podem estar precisando de auxílio psicológico e encontram nestas postagens um refúgio e/ou alívio a suas dores e angústias emocionais interagindo com elas nas redes sociais. Estes memes seriam uma forma de auxílio na compreensão do indivíduo perante o mundo, aliviando suas tensões e angústias em um processo de autoajuda on-line.

É de senso comum que a internet tem um importante papel como meio facilitador e comunicador, principalmente no que tange o uso das redes sociais. E, neste meio, as crianças começam cada vez mais cedo seu acesso às redes sociais. Jovens que agora têm 15 e 16 anos, começaram a ter acesso às redes sociais e mídias digitais com 10 anos. Já os que estão hoje entre 9 e 10 anos começaram com sete (UNESCO, 2018).

De acordo com Meneghetti (2013, apud CARVALHO, 2016, p.152), o mundo informático é um instrumento muito potente, enquanto consente a contemporaneidade da informação. É um poder imenso. Porém, se esse instrumento cai nas mãos da curiosidade infantil, as crianças passam a ter acesso ao submundo das curiosidades perversas, que incluem a obsessão por sexo e as inutilidades mundanas, que como tal destroem a elegância, a força, a funcionalidade das nossas capacidades criativas. Em consequência dessa exposição precoce a este meio, estas crianças e jovens correm riscos de serem expostos a práticas perversas, do mundo adulto e que não acrescentam em nada para a sua formação e construção enquanto indivíduo.

Em meio a este cenário do mundo moderno, em que a Modernidade é definida como um conceito aberto, mas também, como um momento em que tudo é temporário, a modernidade (...) – tal como os líquidos – caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma (BAUMAN, 2001), estes jovens expostos de maneira tão precoce a estas redes sociais podem demonstrar um comportamento semelhante e preocupante no que diz respeito ao trato com suas próprias dificuldades emocionais e o cuidado com a saúde mental.

É muito provável que estes dados sejam tão somente a ponta do iceberg no que tange a questão do suicídio em nossa sociedade. Buscando compreender de maneira mais clara este fenômeno e visando também mitigá-lo, pretende-se com este estudo compreender como os memes podem ser uma forma de expressão e ao mesmo tempo um caminho para identificar uma tendência para o suicídio, tendo em vista que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), 90% dos suicídios poderiam ser evitados, desde que, no entanto, fosse oferecido algum tipo de auxílio.

Para compreender este processo que ocorre no mundo on-line, iniciaremos a pesquisa através de um levantamento netnográfico coletando os memes mais compartilhados nas páginas selecionadas para o estudo. Após este levantamento será feita uma análise, dentro dos conceitos da Semiótica, possibilitando a compreensão de imagens e mensagens que esta nova forma de linguagem nos passa. O foco deste trabalho será entender quais são as mensagens presentes por detrás dos memes autodepreciativos e como elas refletem as angústias de uma geração que, cada vez mais, apresenta transtornos mentais e, em grande medida, uma tendência ao suicídio.

## **cantaremos o medo, que esteriliza os abraços**

Antes de atualizar dados e trazer a relevância que a depressão, bem como ansiedade e outros transtornos mentais, vem ganhando no mundo todo nos últimos anos e como os memes têm sido uma expressão destes números bem como uma fuga para tais males, sinto que preciso dedicar este espaço ao que sempre idealizei minha pesquisa. Antes de uma base teórica sólida que possa fundamentar meu trabalho, quero abrir espaço ao orgânico e contar um pouco de como os últimos quatro anos vêm me mudando e moldando. Pode soar estranho para o leitor a princípio, mas com um pouco de paciência e poesia fará sentido.

Não teria outro modo de iniciar, sem antes dizer que estive a ponto de desistir dele. Escrevo isso porque algo dentro de mim acredita que estas linhas ainda viajarão por muitos olhos angustiados em busca de novas pesquisas para as conclusões de suas teses e sei que, quando estamos neste processo, e há uma busca por estes materiais, muitas vezes nos vem a falsa sensação de um mundo acadêmico perfeito repleto de belas palavras e teorias. Mas a realidade é que, o processo de pesquisa é na maioria das vezes exaustivo e nos falta a esperança.

Venho navegando por estas águas escuras há um tempo. Entre idas e vindas de salas de terapeutas e psiquiatras, recebi meu diagnóstico de ansiedade e depressão há quase dois anos. Sei que sofro destes males há mais tempo, mas me dediquei, durante o período em que esta turbulência pandêmica da COVID-19 toma conta de nós enquanto espécie humana, a aceitar o meu diagnóstico. Enquanto doses amargas de ansiolítico e antidepressivo descem minhas gargantas todas as manhãs, me questiono se a brecha antropológica de Morin um dia cessará em meu peito.

Questiono-me todas as manhãs se realmente existe um ponto dentro nós em que podemos chamar a felicidade para sentar a mesa e tomar um café. Um ponto onde não questionamos o vazio de nossa existência e tentamos a todo custo pará-lo mesmo que

isso custe a nossa vida. E não vou mentir, e sei que isso ira me custar um aviso de gatilho no início do trabalho, eu tentei. Por duas vezes me vi muito perto de não querer mais estar aqui em um curtíssimo espaço de tempo que não somam enquanto escrevo estas linhas, mais de vinte e quatro meses.

Imagino que se Durkheim estivesse lendo este trabalho comigo, estaria a questionar esta breve introdução e relato pessoal, pois se existe algo que me marcou profundamente enquanto pesquisadora e socióloga, é que devemos separar o objeto de pesquisa como coisas, nos distanciarmos do objeto para que este siga o caminho metodológico correto. Deste modo, após um longo período viciada em redes sociais, consegui me desligar de todas elas, ficando somente com aplicativos de trocas de mensagens, bem como do hábito de ver tv, o qual já havia abolido de minha rotina e retinas há um bom tempo. No presente momento, esta nova fase sem redes sociais, somam um pouco mais de cinco meses, fato que preciso admitir, me traz orgulho sendo alguém que até então não passava mais de três dias sem resistir ao sedutor chamado das redes.

A partir desta nova fase então cai em um vácuo. Um momento em que passei a questionar como daria sequência neste trabalho que há cinco anos tornou-se a motivação para que não desistisse da faculdade em um período em que passei por uma grande crise na minha saúde mental, em um período em que vi tudo ficar escuro e entendi como é não sentir nada, nada além de um vazio, a fase mais estranha de minha vida, marcada profundamente pela perda do maior ídolo para a depressão que o levou posteriormente, ao suicídio. Esse vácuo tem feito muito barulho dentro de minha cabeça nos últimos seis meses. Entre algumas crises de insônia, choro (que graças ao tratamento tornaram-se esporádicas) e sessões de terapia, tomei o último folego que me restava para que pudesse sentar e dedicar um tempo a tecer essas linhas.

Antes de iniciar a contextualização mais que necessária, e até o início de meu mestrado, imprevista, sobre como a pandemia da COVID-19 acentuou ainda mais a questão da saúde mental, contrariando o que o autor de *Sociedade do Cansaço*, o filósofo Byung-Chul Han (2016), acreditava que iríamos viver de 2010 em diante, nos dando assim um

panorama de dupla pandemia (COVID-19 e declínio da saúde mental), quero deixar aqui um poema de Drummond, pois mesmo muitas vezes tendo sido abraçada e tragada pelos dias ruins e desequilíbrios psíquicos que a ansiedade e depressão causam, a arte foi e ainda é meu maior acalento e refúgio, tanto para complementar dias bons quanto para estender a mão em dias ruins,

*Ausência*

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.*

*E lastimava, ignorante, a falta.*

*Hoje não a lastimo.*

*Não há falta na ausência.*

*A ausência é um estar em mim.*

*E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,*

*que rio e danço e invento exclamações alegres,*

*porque a ausência, essa ausência assimilada,*

*ninguém a rouba mais de mim.*

*Drummond (1902-1987)*

Que minha dor possa ser arte, ser arma, afago e fogo, muito além de um jogo de palavras: que a minha dor possa de algum modo abraçar a todos aqueles que doem por dentro sem ninguém ver. Seja você, meu caro leitor, um jovem angustiado por finalizar sua pesquisa acadêmica ou apenas um cidadão curioso, espero que este trabalho e as linhas que virão a seguir o ajudem de algum modo.

## **cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo: o panorama da COVID-19**

Gostaria muito que o tópico a seguir jamais tivesse sequer passado pela minha mente. Quando iniciei o curso de mestrado, estávamos ainda escorregando pela ponta do iceberg que viria a ser a Pandemia de COVID-19. Fomos tomados pelo medo, incerteza e uma crise socioeconômica sem precedentes. Como se já não fosse doloroso o bastante a crise política pela qual, nós brasileiros, fomos submersos e ainda estamos.

Com este novo cenário que nos foi apresentado, em que nossas rotinas tiveram de ser totalmente repensadas, obrigando a um isolamento forçado, contatos humanos somente por meio online e um medo de ter vidas ceifadas pairando pelo ar, em dois anos o que era esperado, ocorreu. Além de milhares de vidas levadas por este novo vírus, houve um expressivo aumento do consumo de ansiolíticos e estabilizadores de humor, acompanhado de números incertos a respeito dos casos de doenças psiquiátricas, dado a forma como este tema é visto pela sociedade, ainda como um tabu. Neste cenário vemos que,

Intervenções de saúde pública que exigem distanciamento social, controle da comunidade e fechamento de empresas e escolas têm sido implementadas no Brasil e em outros países do mundo para diminuir a transmissão do vírus. No entanto, a experiência com doenças anteriores mostrou que o distanciamento social e outras intervenções que interrompem as atividades normais do dia a dia estão associados ao desenvolvimento de sintomas de transtorno de estresse agudo (Brooks apud Caldieraro et al., 2020)

Foi observado, de acordo com Caldieraro et al. (2020, p.01), que “De fato, os indivíduos em quarentena relataram maior prevalência de sintomas psicológicos, como distúrbio emocional, depressão, estresse, baixo-astral, irritabilidade, insônia e sintomas de estresse pós-traumático do que aqueles que não estiveram em quarentena”. Além disso, “o medo de infecção, frustração e tédio, suprimentos insuficientes e perdas financeiras

estão entre os principais contribuintes para o sofrimento emocional generalizado e aumento do risco de doenças psiquiátricas associadas com COVID-19” (Brooks et al., 2020). Portanto, a carga de saúde mental e um aumento no uso de serviços de saúde mental são esperados como consequência desta pandemia (Druss, 2020; Torjesen, 2020).

A partir de pesquisas realizadas entre os anos de 2020/2021, constatam-se dados preocupantes que fomentam como a pandemia do COVID-19, terá consequências significativas no agravamento da saúde mental, não só no Brasil como no mundo. Levantamento feito pela BBC News, nos últimos dois anos pandêmicos, trazem os dados a seguir:

(...) publicado pela Fiocruz com outras seis universidades em meados do ano passado, traz que "sentimentos frequentes de tristeza e depressão afetavam 40% da população adulta brasileira, e sensação frequente de ansiedade e nervosismo foi relatada por mais de 50% das pessoas". Um relatório de 2017 da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontava o Brasil como o país com a maior prevalência de transtornos de ansiedade nas Américas: o problema afetava 9,3% da população, o equivalente a 18,6 milhões de pessoas. Transtornos depressivos foram relatados por 5,8% dos brasileiros, ou 11,5 milhões de pessoas.

(BBC NEWS, 2021)

Visto pela OMS com preocupação, já em maio de 2020, no início da Pandemia, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus alertou: *"O isolamento social, o medo de contágio e a perda de membros da família são agravados pelo sofrimento causado pela perda de renda e, muitas vezes, de emprego (...)"*.

Contudo, apesar de alertas dos órgãos de saúde e números preocupantes no aumento de consumo de estabilizadores de humor, outras pesquisas levantam que a quantidade de diagnósticos de transtornos mentais se mantém relativamente estável durante a pandemia.

Portanto, não é possível afirmar que o isolamento social ou o contexto de luto tenham levado, por exemplo, a um aumento nos casos de suicídio. Um estudo publicado pela revista científica Lancet em abril de 2021 sobre tendências de suicídio em cidades ou regiões de 21 países (Brasil incluído) não identificou aumento de casos durante o período da pandemia, embora faça a ressalva de que os dados oficiais dos países podem ainda não estar completos e de que o tema precisa ser constantemente monitorado. O que não quer dizer - tal como mostram as pesquisas - que a pandemia não esteja cobrando um preço do bem-estar mental das pessoas. (BBC NEWS, 2021)

Em meio a tantas incertezas, por onde navegar? Tendo em vista um quadro tão sintomático e que pelas expectativas de cientistas e pesquisadores, tende a se agravar, encontra-se o escopo para a realização deste trabalho. Neste momento, pauso as fundamentações, para trazer um breve esboço sobre um mecanismo já em andamento em outra rede social, o Twitter, trazendo um pouco de esperança em meio a um cenário turbulento: *O algoritmo da vida*.

## **o algoritmo da vida**

Algoritmo da Vida é o nome da ferramenta de Inteligência Artificial inédita do mercado que está ajudando a identificar potenciais casos de suicídio no Brasil por meio das interações das pessoas realizadas no Twitter. A iniciativa liderada pela Africa, a SAP Brasil e a Amazon Web Services (AWS) foi lançada há cerca de um ano e mais uma vez podemos visualizar como a questão do suicídio trata-se de um problema social importante. Cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos – no Brasil, são mais de 11 mil. Essa é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos, segundo dados globais da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Dado tais dados, unindo padrões de escrita de cartas suicidas como as de Kurt Cobain por exemplo, com inteligência artificial, África, SAP Brasil e AWS uniram suas ferramentas criando este algoritmo capaz de reconhecer padrões de linguagem potencialmente suicidas e escalonar o grau de vulnerabilidade do indivíduo que faz aquela postagem, reportando rapidamente a uma equipe de especialistas das mais diversas áreas que poderão entrar em contato com o dono do tweet oferecendo auxílio psicológico, e quando necessário, em casos mais graves, rastrear o IP de endereço, enviando diretamente assim auxílio médico para o local de onde aquela mensagem foi postada.

Até o momento em que esta pesquisa foi realizada, as empresas envolvidas reportavam o sucesso de mais de mil vidas salvas graças a este mecanismo que viabilizou um contato rápido e eficiente entre pessoas em sofrimento e profissionais capacitados para oferecer o devido suporte. Uma pequena luz no fim de túnel.

Olhando para o mecanismo utilizado no Algoritmo da vida, passei a me indagar sobre o quão eficiente um mecanismo assim pode ser, caso seja capaz também de reconhecer padrões não verbais, expressos muitas vezes somente por meio de imagens e que, ainda assim, estão repletos de significados. O meme, que já fazia, e ainda faz parte de boas

risadas do meu cotidiano, é a descrição perfeita para esta teoria de análise. Partindo do ponto de análise em Branco,

Em Freud, o sofrimento é uma ameaça constante que espreita o homem a partir de três lados: da decadência do corpo que nos destina à dissolução; do mundo exterior, o grande palco da destruição, das forças descomunais e implacáveis da natureza; e, por último, talvez a mais dolorosa, das próprias relações humanas. É dessa forma que a instauração da lei surge como uma instância duplamente benéfica ao sujeito: possibilita a melhor utilização do espaço e do tempo, enquanto conserva suas forças psíquicas. Sob influência da inevitabilidade desses perigos, o ganho de prazer adquire uma participação mais modesta na realidade. Em suma, o sujeito já se considera feliz por simplesmente escapar do sofrimento. (BRANCO, 2021, p.14)

Vejo então o meme como a expressão mais pura da ideia de que o ser humano é um animal capaz de tornar risível algo que lhe causa dor, mas enquanto essa dor tem uma pausa, ele se põe a rir, uma vez que, nestes pequenos momentos de riso, é possível perceber a capacidade de se escapar dela.

Um último ponto, não menos relevante, pude notar a partir de observação empírica -- e como brevemente esbocei em alguns pontos acima --, que o meme se mostra como uma forma de linguagem altamente mutável e adaptável, que migra de maneira muito rápida para diferentes tipos de plataformas sem perder a sua essência que carrega uma mistura de excentricidade, humor e situações que beiram absurdos buscando sempre como resultado, causar riso.

Para que todos os pontos aqui citados ganhem seu devido corpus, dedicarei o que vem a seguir a compreensão e elucidação do meme enquanto um conceito e enquanto prática de humor (da dor humana) nas redes sociais.

***now my demons, they got demons, and I've no more tears to feed them:***  
**a cultura da depressão na internet**

A presente investigação busca entender, através da análise de memes, a forma como os jovens, já tratados como adultos, deste início do século XXI, jovens considerados modernos, se expressam por meio das redes sociais, em específico por meio do Facebook, suas angústias e decepções perante o mundo adulto. Trata-se de uma geração que chegou junto com o boom da internet, que já não podia brincar nas ruas porque era perigoso demais, e passava horas em frente à TV assistindo a animações, rompendo assim, desde cedo, laços e vivências que eram comuns para seus pais ou avós, que foram criados nas brincadeiras do dia a dia, na rua, se sujando na lama e estabelecendo vínculos pessoais com outros seres humanos numa relação face a face.

Modernidade é tratada por Bauman (2001) no decorrer de seu livro *Modernidade Líquida*, um conceito aberto, mas também, como um momento em que tudo é temporário, a modernidade, tal como os líquidos, caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Deste modo,

Essas são as razões para considerar 'fluidez' ou 'liquidez' como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras na história (BAUMAN, 2001, p.9).

A figura 2 reflete por suas formas um exemplo de tal contexto em forma de sátira:



Figura 2

É neste momento de fluidez, acima apontado, das relações humanas, em que as instituições perdem cada vez mais suas formas e solidez, que observei empiricamente a existência de um “mal estar” aparentemente inexplicável, entretanto, presente nas falas e ações de boa parte dos jovens de meu convívio, grupo no qual também me incluo. Sobre a questão do mal-estar em situação da perda de solidez Bauman diz:

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, 1998, p. 10)

Inspirada pelas propostas do autor, identifico tratar-se de um “mal-estar” incessante que parece pairar sobre todas essas cabeças recém-saídas da adolescência. Este é um grupo que apresenta dificuldades muito visíveis em lidar com a passagem para a vida adulta e vem desenvolvendo com uma frequência cada vez maior transtornos psicológicos e físicos decorrentes deste processo.

Ao acompanhar as redes sociais observei que é frequente e comum o compartilhamento de discursos pessimistas e negativos, em tom de sarcasmo, sobre a vida e todas as cobranças que ela traz quando chegamos a fase adulta.

Neste processo de pesquisa deste “mal-estar”, pude entrevistar alguns amigos e conhecidos, em conversas informais do dia a dia, e perceber entre esses diálogos as dificuldades que compartilhamos ao ver que o mundo adulto vai muito além de conteúdos ensinados na escola ou dos bons modos aos quais somos condicionados a seguir desde pequenos.

Conversei com um amigo que resolveu sair de casa antes de completar vinte anos. Disse ele: “Esta é uma meta que estabeleci para mim. Morar sozinho e passar a administrar despesas e afazeres do dia a dia, além de faculdade e trabalho”. A soma destas responsabilidades pesou sob seus ombros e sempre que conversávamos sobre, percebi que ao mesmo tempo em que o entrevistado estava vivendo uma realização, era um processo frustrante. Frustração com o emprego, com amigos, relacionamentos e toda a idealização que tinha da vida adulta e do que seria de fato ir morar sozinho. Alguns meses depois, ele perdeu o emprego devido ao corte de pessoal e voltou para casa dos pais. “A gente ri mas é de nervoso”. Era o que sempre falávamos um ao outro quando algo estava prestes a dar errado ou já tinha dado.

Em outras conversas, mesmo saindo do círculo de amizades, as angústias que cerceiam os grupos investigados são sempre semelhantes: dificuldade em conseguir um trabalho, frustração com os relacionamentos, conflitos familiares e questionamentos recorrentes ao porquê da própria existência. Nada parece claro quando se chega à casa dos vinte e poucos anos. “Saímos da adolescência sem conseguirmos lidar com os amargos que a vida adulta traz”. Reiterando tal princípio, o meme abaixo (figura 3) retrata esta questão:



Naza  
@NazareAmarga

Ter 22 anos é muito bizarro. Eu tenho amigos formados, alguns que começaram a faculdade agora, alguns que estão casados, outros na cadeia e alguns que ainda tem que pedir permissão dos pais para fazer algum rolê

O meme de @NazareAmarga (Figura 3) fez me lembrar da jornada em que comecei esta pesquisa, ainda entre os anos de 2017/18, em que também vivenciei, pela primeira vez as mais diversas experiências repletas de dificuldades e incertezas. Descobri a sensação e a dor de perder alguém por duas vezes seguidas em menos de dois meses. Que nem sempre as coisas saem como a gente espera e a frustração é “um monstro de sete cabeças” a esta geração que me incluo. Dos entrevistados foi comum ouvir: “O mundo parece disponível na palma de nossas mãos, mas até que ponto temos de fato o controle dos acontecimentos ao nosso redor?”

No mundo da tecnologia, estudado por Castells, Recuero, Reguillo, entre outros, podemos deletar uma mensagem da qual nos arrependemos de enviar, só que esquecemos que não podemos deixar de dizer ou fazer algo que já ocorreu no mundo off-line. Não existe *delete* ou *esc* para sair de certas situações da vida. Nem *repeat* para trazer de volta quem amamos ou aqueles que amamos e partiram. De fato, viver online para alguns é bem mais reconfortante, mas conflitante com as mazelas do mundo off-line.

Seria este tipo de comportamento, o constante compartilhamento de discursos pessimistas nas redes, um mal-estar que é internalizado e se expressa por meio destas

redes ou uma ideia de mal-estar que é lançada nas redes e consumida por indivíduos inseridos neste meio?

### ***i guess I'm bet-better off, off alone: os memes autodepreciativos***

Para compreender este fenômeno, analisei a rede social *Facebook*, observando algumas páginas que veiculam conteúdos, em formato de meme, de teor pessimista e negativo. Os memes do gênero autodepreciativo são um fenômeno generalizado em todas as plataformas de mídia social. Basta ir para qualquer página no Facebook ou Instagram, e em alguns cliques podemos encontrar inúmeras contas dedicadas a “memes tristes”, muitos com dezenas a centenas de milhares de seguidores.

Como aponta Chateau (2020), em um estudo recente, descobriu-se que os memes da depressão são responsáveis por 35% do conteúdo que os pesquisadores analisaram na hashtag “#depressed” do Instagram (MCCOSKER E GERRARD, 2020). Como uma subcultura, esta é a que verdadeiramente abraçou a pluralidade dos memes, permitindo que muitas vozes falem ao mesmo tempo por sua falta de significado fixo (MILNER 2013). Em memes do gênero autodepreciativo, a pluralidade permite ao usuário se identificar com qualquer tipo de angústia representadas afetivamente pelos memes, sem estar autenticamente ligado a eles, sob o pretexto da ironia. Portanto, os memes da depressão são usados de uma infinidade de maneiras que não se referem a uma estrutura estável de significado. Isso me permite problematizar seus papéis tanto como máscaras quanto como textos íntimos dentro de uma cultura irônica de memes.

É necessário observar aqui, que este terreno no qual estamos nos inteirando, é bastante instável, uma vez que não há uma precisão exata, muito menos matemática, capaz de afirmar que o indivíduo que veicula memes da depressão, ou como aqui denomino, autodepreciativos, está sendo fiel a sua persona no mundo offline ou está querendo aderir a um grupo do qual sua bolha social formada pelos algoritmos faz parecer que é o real.

Como precisamente pontua Chateau (2020) uma cultura de depressão na internet baseada nos princípios da dissimulação serve tanto ao propósito de proteção da recuperação por narrativas dominantes, quanto paradoxalmente cria uma ambiguidade

que gera um risco. Desse modo, falo das ansiedades atuais em torno dos memes, incluindo ambiguidade, ironia e formação de identidade.

Os memes do gênero autodepreciativo se referem a sentimentos avassaladores de ansiedade, falta de vontade de viver e desejo de recuperação. Como é apontado em seu estudo recente sobre a hashtag depressão no Instagram, Chateau (apud McCosker e Gerrard, 2020) descobriram que os memes são responsáveis por uma ampla gama de conteúdo na hashtag "deprimida" na plataforma. Eles argumentam que o uso da hashtag "deprimido" é principalmente como um "dispositivo memético, muitas vezes com um senso de irreverência, subversividade e *pathos*, mas em um esforço para usar o poder conectivo da tag popular para ganhar atenção e *likes*" (MCCOSKER E GERRARD, 2020).

Passamos a compreender que a cultura do meme segue por duas vertentes, uma sendo uma forma de chamar atenção ganhando likes e outra como formas de expressão íntimas e privadas. A popularidade dos memes da depressão é uma prova desse princípio, mas no cerne dessa cultura está um uso da ironia que permanece ambíguo e indefinido. Portanto, o que chamo de cultura da depressão na Internet, pautada pelas pesquisas de Chateau, McCosker e Gerrard (2020) deve ser entendido não como uma atitude fidedigna de autoapresentação, mas uma rede interafetiva que depende de objetos precários e esmagadoramente irônicos, cujas autenticações como textos íntimos dependem de estruturas de significado voláteis e instáveis.

Para compreender mensagens com ironia, em *A Rhetoric of Irony*, Wayne C. Booth (1974) explica que leitor deve, recorrer ao contexto cultural e histórico da expressão para reconstruir o significado oculto que o autor pretendia. O processo inferencial baseia-se no contexto da expressão para dar sentido à ironia. É por esta razão que muitas vezes, o humor captado pela geração Z faz pouco ou nenhum sentido a gerações anteriores como provavelmente seus avós que se enquadram nos *boomers*.

Chateau (2020) nos mostra que online, o contexto cultural no qual os memes da depressão ganharam popularidade é precisamente aquele que lhes dá a razão de existir.

Para entender isso, precisamos perceber que, na última década, os sintomas que os memes autodepreciativos cultivam permaneceram adormecidos sob a tirania da era da felicidade das redes sociais mostrado por Freitas em *The Happiness Effect: How Social Media Is Driving a Generation to Appear Perfect at Any Cost* (2017). Dentro dessa dialética, os memes surgiram como a lógica da Internet e a ironia como seu contrato social (CHATEAU apud TUTERS; BURTON, 2020). Novas formas de sociabilidade que se manifestam dentro dessa cultura são necessariamente ambíguas e cheias de riscos e precisam ser exploradas. A manutenção de uma imagem perfeita e repleta de felicidade cria involuntariamente um contraponto em que milhares de páginas retratam com muita ironia as mazelas e dores da vida offline que se mistura ao online.

## ***somebody, bring me the horizon, this view is boring me: a felicidade das redes***

Em *O Efeito Felicidade*, Donna Freitas (2017) investigou uso de mídia social em jovens adultos, pesquisando mais de 800 estudantes universitários sobre a relação entre mídia social e seu bem-estar emocional. Seus resultados lhe permitiram cunhar o termo “efeito felicidade”, quando: “os jovens se sentem pressionados a postar coisas felizes nas redes sociais”. Ela escreve: “muito do que todos veem nas redes sociais de seus colegas são coisas felizes; como resultado, muitas vezes se sentem inferiores porque não são realmente felizes o tempo todo”. Sentimentos de inadequação surgem quando os usuários interpretam o que outros usuários postam como autenticamente sentido, apesar de se sentirem “pressionados” a postar um certo tipo de conteúdo, com o qual eles não ressoam, mas fabricam com o propósito de postar. Na verdade, o imperativo de autenticidade por trás da mídia social baseada em identidade é o que define nosso relacionamento como ela como mostra Chateau (2020) Apesar de não ser legítima, uma identidade deve ser curada para se adequar às outras personas performadas nas plataformas, que são tidas como autênticas.

Para muitos, a ironia que faz os memes da depressão funcionarem, está justamente na subversão que há do efeito felicidade e do imperativo de autenticidade. Os memes autodepreciativos quebram aquela falsa ideia de que somos felizes, vida perfeita, mostrando o verdadeiro eu autêntico por trás daquele que é criado para mostrar algo que não é real e atender a padrões estabelecidos de felicidade pela sociedade. Portanto, aquele indivíduo, o self tornado visível por compartilhar ou gostar de memes de depressão não é necessariamente o melhor, mas, fundamentalmente, é um mais autêntico. Na verdade, parecia que, na fase inicial de sua vida, os usuários eram apaixonados por memes de depressão porque isso os libertava do fardo do gerenciamento de identidade. O que emergiu nessa fase do movimento dos memes da depressão foi a percepção de uma nova sensibilidade baseada em uma intimidade mais autêntica do que jamais foi associada aos memes. (CHATEAU, 2020)

Como já foi argumentado por Chateau apud McCosker (2020), as formas de intimidade digital que tornam visível a angústia personalizada são aquelas arraigadas na visibilidade e na autenticidade, pilares da cultura do Facebook. Comentários sobre memes ou resenhas de páginas de memes de depressão continuamente citam a capacidade de relacionar e a visibilidade como sua razão para a identificação com a página. Os usuários sentem que esses memes permitem que sejam vistos online, com sua doença mental, e se sintam intimamente ligados a outros espectadores; “É bom saber que outras pessoas passam pela mesma coisa que eu”. Embora seja uma forma de performance pública, a intimidade gerada aqui parece inerentemente privada porque depende do desvendamento de certas estruturas de significado. Essa é uma habilidade que, segundo os usuários, só pode ser alcançada por meio da experiência dos sentimentos evocados nos memes de depressão. Nesses comentários, a intimidade é uma forma de desempenho de identidade, e um discurso de responsabilidade sustenta um de autenticidade.

A cultura da depressão da Internet opera no cerne da cultura meme e da subjetivação neoliberal, tanto pela adoção quanto pela superação de regimes de saúde mental por meio da ironia. A ironia dos memes depressivos a serem reconstruídos depende de duas estruturas de significado. A primeira é aquela dentro da qual os memes estão sendo lidos e interpretados, ou seja, uma cultura meme online e seu imperativo de ironia coletiva, que eu defendo ser também uma área discursiva paralela da subjetivação neoliberal do valor nas redes sociais. O segundo é produto de anos de individualização crescente do discurso da saúde mental, que enfatiza a resiliência e a superação em linha com valores de autenticidade e responsabilidade.

Em diferentes culturas da Internet, a interseção desses dois contextos se manifesta de maneira diferente. Conectados, ironia e polissemia são ferramentas de subversão e privacidade. No entanto, as culturas do jogo são constantemente desafiadas pelas mídias sociais e lugares onde as narrativas dominantes são aquelas de autenticidade e responsabilidade. Os memes da depressão demonstram que a ironia pode ser mobilizada

em fluxos autênticos de intimidade no contexto de certos discursos dominantes (CHATEAU, 2020).

## ***sometimes I just wanna die Wish that I could tell you why: uma visão semiótica dos memes***

A partir de Godoy (2020, p. 32), Lipovetsky pontua: ainda que estejamos completamente envolvidos em uma vida agitada e da produtividade na hipermodernidade, há um número crescente de indivíduos que possui gosto gratuito pela criação ou a expressão estética, tornando-se criadores de conteúdo (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 246). A estetização do mundo é um dos testemunhos da relevância da Semiótica nos estudos contemporâneos como este que aqui se apresenta.

A Semiótica tem como ponto fundante compreender a linguagem em suas mais diversas formas de expressão. Seja a partir da interpretação de uma imagem, um gesto, um audiovisual, ou um texto elaborado, tudo aquilo que se expressa perante nossos olhos e ouvidos é passível de análise e interpretação.

Na visão de Peirce, o signo, isto é, tudo aquilo que está presente à mente e que é externalizado nas mais diversas formas de expressão, pode ser analisado a partir de categorias lógicas, sendo a lógica em sua época, um ramo da filosofia. Se os pensamentos são signos, não necessariamente verbais, então não há pensamento, nem há raciocínio possível, nem mesmo o pensamento puramente matemático que faça uso apenas de signos simbólicos, tais como são basicamente as palavras nas línguas naturais, os signos matemáticos, musicais, entre outros. Isso se comprova na pluralidade de modos de externalização que signos internos à mente hoje circulam pelos meios de comunicação.

Para um estudo conciso a partir da semiótica peirceana cabe recordar suas categorias fenomenológicas que estão na base de sua semiótica: primeiridade, secundidade e terceiridade. Desse modo, o autor nos mostra que há três tipos de interesse que podemos ver em uma coisa:

Primeiridade ou qualidade de um signo, sendo este por sua vez, tudo aquilo que vem a consciência. São os insights que temos durante a escrita de um trabalho, podendo ser incluído em um fugaz momento do tempo. É onde está o universo da música, da estética, da arte. O universo do possível, da utopia, de sentimentos indeterminados e incertos. A primeiridade não está lidando com a qualidade daquilo que existe, mas a qualidade como mera possibilidade.

Seguindo este caminho, temos a secundidade também chamada de relação, ligada às ideias de ação e reação, antagonismo, dualidade. É a arena da existência cotidiana, local onde a consciência reage em sua relação com o mundo. Vemos que, segundo Peirce apud Santaella (2021)

“Existir é estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares, confrontar-se com outros corpos”

Tornamo-nos conscientes de nós mesmos a partir do momento em que tomamos consciência do não-eu, a partir do momento em que deixamos o campo vasto e vago das ideias e experiências somente sensoriais, para iniciarmos nossas análises e conflitos para com os pensamentos, e conseqüentemente, signos que se apresentam a nós ininterruptamente.

Fechando a tríade lógica-filosófica de Peirce, temos a terceiridade ou representação. Esta é a camada do pensamento através da qual representamos e interpretamos o mundo, a consciência sintética responsável por unir o tempo, o pensamento e o sentido de aprendizado.

Como mostra Godoy (2020, p. 32) na posição de intérpretes dinâmicos, humanos, com nossos interesses possíveis, podemos identificar as lógicas nos signos e podemos explorá-los com profundidade. Na semiose apresentada por Peirce os signos podem ser

classificados de acordo com as categorias. Vamos utilizar as próprias palavras de Peirce para conservar com fidelidade o entendimento em suas definições:

Há três tipos de signos. Primeiro, há a semelhança, ou ícones, que expressam ideias das coisas que eles representam simplesmente por imitá-las. Segundo, há indícios, ou índices, que mostram algo sobre as coisas, atualizam-se sendo fisicamente conectados a elas. Tal qual uma sinalização, que indica a direção do fluxo de uma rua, ou um pronome relativo, que é colocado justamente depois do nome das coisas que se pretende sejam denotadas, ou uma exclamação de vocativo, como “Oi, você aí!”, que age sobre os nervos da pessoa que a ouve com uma força a chamar sua atenção. Terceiro, há símbolos, ou coisas gerais, que se veem associadas com seus significados de uso. Tais são as palavras e frases, e diálogos, e livros e livrarias. (PEIRCE, 1894, p. 48)

Tomando esses fundamentos brevemente enunciados em consideração, passaremos a discorrer sobre o objeto desta pesquisa, os memes, para cuja análise, buscaremos o auxílio dos conceitos semióticos.

Os memes na internet são usualmente analisados enquanto símbolos, seu caráter comunicacional e cultural remete às coisas gerais e significados de uso. Peirce nos diz que palavras são exemplos de símbolos na medida em que existem ideias conectadas a elas (PEIRCE, 1894, p. 50). O símbolo em si não identifica aquilo que representa, mas pressupõe de nós que sejamos capazes de imaginar as coisas que estão associadas a ele (PEIRCE, 1894, p. 51) e, nesse sentido, o símbolo é capaz de representar. Nas palavras de Souza; Drigo (2013, p.126) “símbolo é também, a celebração de um contrato ou convenção”, portanto a comunhão, os acordos encapsulados no símbolo. Assim, a palavra meme não nos mostra um meme em específico, mas pressupõe que possamos imaginar o que é um meme com base nas associações do símbolo e seus significados de uso (GODOY, 2020, p. 33).

De fato, a palavra meme foi um signo, aqui analisado no seu aspecto de símbolo que se tornou popular na internet nas últimas décadas para se conectar, no âmbito das ideias e

usos, a um tipo de objeto comunicacional e cultural bastante utilizado nas redes, trazendo uma nova forma de comunicação, muitas vezes expressa majoritariamente por meio de imagens. Símbolos não representam coisas em particular, mas sim tipos de coisas (PEIRCE, 1894, p. 51). Peirce nos diz que “a palavra vive nas mentes daqueles que a usam” (PEIRCE, 1894, p. 51). Portanto, podemos entender que os símbolos vivem na mente daqueles que os utilizam, ou seja, que os memes vivem nas mentes e nelas se propagem (GODOY, 2020, p. 33). Essa afirmação tem o mesmo teor das afirmações proferidas pela memética décadas depois da publicação dos trabalhos de Peirce. Memes e símbolos habitam em nossas mentes e dado este fato, sua interpretação se dará de acordo com o histórico e contexto cultural e social daquele que tem contato com este tipo de símbolo. Também podemos encontrar, como aponta Godoy (2020, p. 33) elementos icônicos e indiciais, mas como descrito acima, a dimensão simbólica parece preponderante aos memes na internet em geral.

Assim como Godoy (2020), a análise que utilizo neste estudo é a análise semiótica aplicada, aprofundada na obra de Santaella (2004). Um ponto de partida para nosso estudo está na conceituação de objeto imediato e objeto dinâmico. Para exemplificar, Santaella nos diz que:

Quando olhamos para uma fotografia, lá se apresenta uma imagem. Essa imagem é o signo e o objeto dinâmico é aquilo que a foto capturou...O objeto imediato de um ícone só pode **sugerir** ou evocar seu objeto dinâmico. O objeto imediato de um índice **indica** seu objeto dinâmico e o objeto imediato de um símbolo **representa** seu objeto dinâmico. (SANTAELLA, 2004, p. 14-16)

Esse conhecimento é relevante para nós, pois desejamos analisar os memes enquanto signos. Em certo sentido equivocado, há casos em que celebridades ou personalidades protagonistas de conteúdos que circulam nas redes são chamadas de memes. Observe, essa é uma confusão entre objeto imediato e objeto dinâmico. Quando uma figura política dúbia ou um artista com expressão memorável, a partir de certa captura prévia (usualmente visual ou sonora), difunde-se rapidamente pelas redes, tal figura não se

torna um meme. O meme de que falamos é o signo ou complexo signico, que envolve o objeto imediato e seus sentidos. A pessoa que protagonizou esse conteúdo, emprestando sua imagem para esta comunicação de finalidades incontrolláveis, não se tornou um meme. Ela é um objeto dinâmico com infindáveis possibilidades (GODOY, 2020, p. 34).

Os memes exibidos a seguir são exemplos coletados da internet, memes do gênero autodepreciativo, encontrados ao longo desta pesquisa, objetos imediatos, escolhidos por conveniência para apresentar tipos de memes desse gênero. A seleção se justifica por motivos relativamente evidentes quando se leva em consideração o tema que este trabalho desenvolve: o poder de influência sobre a vida mental que memes depreciativos podem exercer sobre pessoas com tendências depressivas tanto as mais leves quanto as mais profundas que podem afetar inclusive a vida.

Embora no papel social que desempenham predominam elementos simbólicos nos memes, esses símbolos incluem traços indiciais e icônicos. Portanto, vemos que cada meme possui suas particularidades em cores, escritas e formatações. Assim como traz Godoy (2020, p. 34), existem incontáveis variações de cada um desses designs. Esses são exemplos ilustrativos de memes na internet no Brasil ao início dessa pesquisa, mas existem muitos outros designs que podem ser encontrados ao realizar uma pesquisa algorítmica padrão em nossos navegadores. São apenas exemplos do fenômeno meme que habita nossas redes e mentes, que serão analisados com o suporte da Semiótica.

Santaella nos diz que quando damos início a uma leitura semiótica, devemos explorar o poder sugestivo, indicativo e representativo do signo; devendo observar, portanto, as qualidades, as relações do objeto com seu objeto dinâmico e analisar o signo em sua propriedade de lei (SANTAELLA, 2004, p. 41). Recomenda-se analisar o signo de maneira progressiva, seguindo as relações lógicas de primeiridade, secundidade e terceiridade, decidindo o alcance de cada etapa de acordo com o objetivo estabelecido pela análise (SANTAELLA, 2004, p.41). Esses passos no recorte da análise devem obrigatoriamente ser realizados, pois a semiose é infinita. Ainda que seja possível explorar ampla e satisfatoriamente os efeitos de sentido contidos em dado signo, não é

possível acessar a sua totalidade de interpretantes possíveis. Devemos levar em consideração a autonomia do signo em relação ao intérprete, percebendo que somos intérpretes singulares que produzem parcialmente um interpretante dinâmico e não devemos ser taxativos pois todo signo pode ser analisado sob as dimensões de iconicidade, indexicalidade e simbolicidade (SANTAELLA, 2004, p.42).

Para realizar a análise e poder compreender algumas características específicas dos memes do gênero autodepreciativo, veiculados por meio das redes sociais, em especial por meio do *Facebook*, selecionei seis memes postados pelas páginas *Ajudar o povo de humanas a fazer miçangas* e *Don't end my life because I relate to memes*.

Utilizando filtros fornecidos pelo próprio *Facebook*, selecionei publicações destas páginas que foram veiculadas entre o ano de 2021 e começo de 2022, reiterando a atualidade e relevância deste tema. Estas publicações foram filtradas pelas palavras *triste*, *desistir* e *morrer* dada a recorrência destes termos durante minha observação e construção do presente trabalho. São palavras que expressam descontentamento e frustração com a vida e podem ser ligadas a expressão da presença do mal-estar pós-moderno em que Bauman nos mostra que *O homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança*. Vivemos com a sensação constante de uma profunda ansiedade que se intensifica conforme tentamos compreender a realidade que nos cerceia. Dessa ansiedade e constante vigilância resultou a inflexibilidade e rigidez disciplinar, que constituíram a estrutura da ordem moderna, em que havia uma certeza das ações humanas, havia um porto seguro, um norte pelo qual podíamos nos guiar.

Ao passarmos para a condição pós-moderna, vemos que há, a partir da análise de Bauman, uma sensação flutuante de ser. Nada é sólido, a incerteza e a insegurança ocupam lugares cada vez mais centrais nos modos de vida contemporâneos, reforçados pelo contexto pandêmico em que nos encontramos há dois anos. E é em meio a essa sensação de flutuar sem rumo que analiso os memes que seguem:

## **Blue Monday: metameme e sua função**

Figura 4



<https://www.facebook.com/endmylife2/photos/a.1280798578677433/3524758247614777/>

A primeira figura a ser analisada a partir de uma visão semiótica, foi extraída da página *Don't end my life because I relate to memes*.

Seguiremos para a análise o roteiro semiótico que extraímos de Santaella (2021), como se segue:

Quando aplicada ao design, a análise semiótica tem por objetivo tornar explícito o potencial comunicativo que uma peça ou uma imagem apresentam, quer dizer, explorar, através da análise, quais são os efeitos que uma dada peça está apta a produzir em seus receptores. Esses efeitos podem ser de várias ordens, desde o nível de uma primeira impressão até o nível de um julgamento de valor que o receptor pode, e, muitas vezes, é levado a efetuar.

Conforme já mencionado anteriormente, para explorar esse potencial comunicativo, a semiótica propõe três pontos de vista fundamentais e complementares através dos quais se procede à análise, a saber: a) o ponto de vista das qualidades e seus efeitos sensoriais e emocionais, b) o ponto de vista do contexto, c) o ponto de vista das convenções culturais e seus valores.

a) Sob o ponto de vista das qualidades são analisados os aspectos qualitativos de uma peça, quer dizer, aquilo que é percebido pelos sentidos, suas cores, linhas, volume, dimensão, textura, luminosidade, composição, forma, design etc. Esses aspectos são responsáveis pela primeira impressão que uma peça provoca no receptor. A impressão que brota da primeira olhada.

Essas qualidades visíveis, ou seja, as características que podem ser diretamente percebidas nas qualidades, também sugerem qualidades abstratas, tais como leveza, sofisticação, fragilidade, pureza, severidade, elegância, delicadeza, força etc.

São responsáveis ainda pelas associações de ideias que a primeira impressão desperta. Embora as associações de ideias sejam incontrolláveis, sabe-se que elas são produzidas por relações de comparação, na maior parte das vezes, por comparações de semelhança. As cores, texturas, composição e formas têm grande poder de sugestão: uma cor lembra algo com a mesma cor, ou lembra uma outra cor; uma forma lembra algo que tem uma forma semelhante, e assim por diante. São as sugestões que estimulam as comparações. Essas relações de comparação por semelhança são chamadas icônicas.

Com tudo isso, pode-se dizer que, quando se analisam detidamente as qualidades de que uma peça ou imagem se constitui, pode-se, de um lado, determinar as qualidades abstratas que as qualidades visíveis sugerem. De outro lado, pode-se prever, até certo ponto, as associações por semelhança que essas qualidades estão aptas a produzir. Não se trata evidentemente de uma previsão precisa, pois qualidades não têm limites muito definidos de modo que seus efeitos não são, por isso mesmo, passíveis de mensuração. Trata-se, isto sim, de hipóteses que apresentam uma certa garantia de estarem corretas.

b) Sob o ponto de vista do contexto, a peça é analisada como algo que existe em um espaço e tempo determinados. Quais são os traços de sua identidade? Sob esse ângulo, as qualidades de que esse existente se compõe -- cores, forma, tamanho, matéria -- passam a ser vistas em função da sua manipulação e uso.

De um lado, neste caso, um meme é analisado na sua relação com o contexto a que pertence. Que indicadores apresenta de seu ambiente de uso? Que indicações contém da faixa de receptor a que se destina?

De outro lado, é analisado de acordo com as funções que desempenha, as finalidades a que se presta. A adequação do aspecto qualitativo-icônico com este segundo aspecto contextual deve ser avaliada.

c) Sob o ponto de vista das convenções culturais, o meme é analisado no seu caráter de tipo, quer dizer, não como algo que se apresenta na sua singularidade, mas como um tipo de produto.

Analisam-se aqui, primeiramente, os padrões do design, a que esses designs atendem. Que horizontes de expectativas culturais eles preenchem?

Em segundo lugar, analisa-se o poder representativo da peça, o que ela representa? Que valores lhe foram agregados culturalmente?

Em terceiro lugar, é analisado o tipo de receptor que o produto visa atender e que significados os valores que o produto carrega podem ter para esse tipo de consumidor.

Nem todos esses aspectos necessitam ser atendidos, dependendo dos objetivos da análise. Por vezes, a análise de um só aspecto já é capaz de atender os objetivos propostos. Também muitas vezes os três níveis de análise podem se misturar. O que importa é que as três camadas funcionem como uma espécie de educação do olhar.

Assim, na figura 3 acima, no seu nível de primeiridade ou qualidades icônicas, comparece uma imagem sobressalente tanto pelo tamanho quanto pela cor, composta por tons fortes em que predominam o verde e o azul. A cor azul embrulha inteiramente a personagem. O azul não é arbitrário, pois blue, em inglês, significa azul e também triste. O azul mais forte apresenta, por trás dele, um azul mais calmo no céu. Disso pode-se apreender que o contraste do azul mais forte contra o azul mais calmo do céu, confere ao azul da roupa uma intensidade acabrunhante.

Partindo para conceitos de secundidade, identificamos que as duas figuras que compõem a imagem fazem parte do desenho de animação Tom e Jerry. A presença dessas personagens traz de volta a memória da heroicidade do ratinho em relação ao gato, uma relação que aqui se repete, na medida em que vem do pequeno rato a tentativa de funcionar como um elixir contra a tristeza. O fato de não haver nenhum indício da causa da tristeza, esta, a tristeza acaba por se impor na sua realidade pura. Uma imposição que já se manifesta também na presença proeminente do azul intenso, o que cria a impressão de que a tristeza é tão intensa quanto a própria intensidade da cor.

A partir do momento em que realizamos estes primeiros apontamentos sobre o meme que é o signo em análise, podemos partir para aquela camada do pensamento em que interpretamos o mundo, como já dito anteriormente, a terceiridade.

Nesta camada da análise, podemos notar claramente a presença do antropomorfismo das figuras representadas, uma vez que o ratinho Jerry está agindo como um humano para auxiliar Tom, o gatinho, em sua recuperação.

Entendendo a relação entre as duas figuras predominantes na imagem, fica mais simples compreender a relação estabelecida entre cada um e as legendas, grafadas de maneira simples na imagem que trazem para o contexto ao qual este presente estudo se dedica, que são os memes do gênero autodepreciativo.

A escolha desta como sendo a primeira figura para analisarmos é proposital, uma vez que, as frases usadas como legendas nos personagens apresentados e as quais traduzirei logo abaixo, mostram exatamente uma das várias funções na qual os memes, que se enquadram no gênero aqui estudado, possuem:

Seguindo da esquerda para a direita, temos a primeira frase *\*your sadness* (sua tristeza), que é representada pelo **ícone** do gato Tom adoecido e predominantemente azul, tanto em sua veste quanto em seu tom de pele. O azul é comumente utilizado para a representação gráfica da tristeza, inclusive pode se lembrar do termo *blue Monday* que designa a terceira segunda-feira de janeiro como sendo a segunda-feira mais triste de cada ano.

Continuando a caminhada neste complexo signo, chegamos ao seu meio, onde identificamos uma colher vermelha que contém um líquido o qual pode ser um remédio ou algum tipo de sopa dado o contexto até aqui analisado. Acima desta colher temos a frase: *1 meme at time* (um meme de cada vez), assim nos cabe compreender até aqui que para a tristeza que é algo que adocece Tom/você (*your=sua*), está sendo administrado como curativo (sopa/remédio) um meme de cada.

Chegando à parte direita da imagem, vemos o ratinho Jerry equilibrando-se sobre a lata daquilo que está sendo administrado pela colher e com uma frase também grafada de modo simples *\*me doing my best to make you smile* (eu fazendo o meu melhor para te fazer sorrir).

A partir da compreensão dos elementos principais e secundários do signo em análise, o interpretante pode concluir, entre outras análises possíveis, que o meme é uma forma de curar a tristeza (aqui de origem não especificada), em especial, quando é administrado (entenda-se no contexto, enviado) por outra pessoa que está preocupada e despendendo de toda sua energia e apoio para ver o outro melhor (sorrindo).

Não seria uma análise completa sem pontuar que a forma como este meme é elaborado faz com que para que ganhe sentido em sua totalidade, é necessário que haja a interação entre dois interpretantes ou mais, uma vez que um representa aquela pessoa que está fazendo o seu melhor para fazer o outro, o interpretante triste, sorrir

what can I say? I'm survivin'

Figura 5



<https://www.facebook.com/endmylife2/photos/a.1280798578677433/4837308163026439/>

Neste segundo meme, também veiculado na página *Don't end my life because I relate to memes*, a primeira impressão é provocada pela homogeneidade da cor do rosto que se prolonga no fundo. Uma estranha continuidade, que coloca em destaque a cor cenoura do cabelo, o branco do lettering contra o negro dos óculos que escondem os olhos e um sorriso enigmático à la Monalisa.

Então, passamos para o nível do reconhecimento da figura central masculina, caracterizada pelo cabelo laranja, óculos escuros e que tem em mãos um telefone que nos remete a modelos muito antigos, sendo este último um índice capaz de nos levar a uma viagem no tempo, em que cada modelo de telefonia, seja ela fixa ou móvel, marcou uma época e continua marcando de maneira cada vez mais rápida, podendo funcionar como um documento de época.

Seu semblante nos sugere uma qualidade abstrata, com um sorriso que parece expressar algum sentimento não identificado, confiança talvez, ao certo não sabemos ainda sobre o que, pode ser pela informação recebida ao telefone ou por algo que está visualizando, seja algo direto ou produto de sua consciência.

A imagem por si só não constitui o meme, uma vez que os memes são majoritariamente marcados pela relação quase sempre irônica que apresentam entre o texto e a imagem que o compõe. Deste modo, saímos do campo das hipóteses para adentrar a compreensão mais profunda do contexto do qual se pode extrair alguns preenchimentos para a indeterminação de que a imagem se constitui.

Este meme foi veiculado na passagem de 2021 para 2022. O texto em inglês apresenta a seguinte frase: *NEW YEAR / NEW MEntal issues* (Ano Novo / Novo eu (problemas mentais)).

O jogo de palavras em português perde o sentido e, portanto, cabem aqui algumas elucidações: a expressão *novo ano / novo eu* é comumente utilizada nos países de língua inglesa para expressar as resoluções de ano novo que indivíduos tendem a estabelecer com o início do novo ciclo. O trocadilho e ironia deste meme se dá justamente na tentativa do signo complexo estabelecer suas metas de ano novo e acabar por ter somente novos problemas mentais (ME= EU/ MENTAL ISSUES= Problemas mentais), contrariando as expectativas sociais de que com um novo ano possa estabelecer novos planos e ser alguém com mais qualidades. Assim, entre a imagem e o sorriso que nada diz estabelece-se uma incongruência, pois o riso funciona como um contra-riso diante das expectativas nada promissoras enunciadas pelo texto verbal em trocadilhos.

É de fundamental importância para a compreensão deste estudo entender que estamos lidando com a subjetividade humana, e deste modo muitas são por exemplo, as possibilidades de metas que alguém pode estabelecer em uma virada de ano. Assim, os memes do gênero autodepreciativo conseguem com grande frequência abranger um

público muito diverso a partir de frases curtas e genéricas que nos induzem a realizar interpretações de acordo como nossa realidade e bagagem de vida.

A ironia do meme, bem como seu humor, elementos indispensáveis a este tipo de linguagem, completam-se com a junção entre frase e imagem. A primeira sensação que nos foi causada pelo semblante tranquilo e ar de confiança expressas pelo homem centralizado na imagem, sofrem um revés ao se chocarem com o jogo de palavras em que um novo ano que traria uma nova pessoa, acaba trazendo somente novos problemas mentais, cargas emocionais passadas, que por muitas vezes gostaríamos de não carregar mais e ter justamente este semblante aparentemente tranquilo e confiante, mas que, no confronto entre imagem e verbo, traduz-se em contraposição..

Observa-se que NEW YEAR ocupa o topo da imagem junto com os cabelos digitalmente coloridos de laranja da figura masculina, enquanto o jogo de palavras entre NEW ME/NTAL ISSUES, ocupa a base da imagem nos fazendo quebrar a expectativa gerada em torno da positividade que tanto o sorriso quanto os novos ciclos costumam trazer.

O que será observado com grande frequência nos memes aqui analisados, é que em sua maioria tendem por iniciar de forma positiva e terminam com a quebra de expectativa reiterando os aspectos negativos da vida, dores psíquicas, decepções amorosas, profissionais, sociais, gerando uma autoidentificação em pessoas que já enfrentaram algum (ns) desses altos e baixos em suas vidas.

*And I'm not gonna lie, say I've been alright  
'Cause it feels like I've been living upside down*

*What can I say? I'm survivin'  
Crawling out these sheets to see another day  
What can I say? I'm survivin'  
And I'm gonna be fine  
(Bastille, 2020)*

*the emptiness is heavier than you think*

Figura 6



<https://www.facebook.com/endmylife2/photos/a.1210119432412015/4358667000890560/>

Seguindo nossa caminhada de análises, apresento aqui mais um meme da página *Don't end my life because I relate to memes*. Composto por um forte contraste entre o preto e branco, a figura central aqui é uma caveira aparentemente deitada em um chão de terra e que nos passa a sensação de estar sorrindo.

Importante notar, que este meme, diferente do anteriores, possui um equilíbrio maior na divisão de espaço entre o texto escrito e a imagem, o que se dá muito provavelmente pela origem do meme vir de outra página e desta forma ele se compõe como tal por meio do chamado *print de tela*, uma captura de tela que une imagem e texto em uma única imagem nova que configura o meme.

O texto acima da imagem reproduz o seguinte: *Quando você é o mais divertido dos seus amigos mas também o mais instável.* Em seguida temos a imagem da caveira sorridente com a legenda: *Bem-vindo ao meu mundo de diversão.* O ponto notório deste meme se dá mais uma vez pela ironia entre a alegria e a tristeza, antagonismo morte e vida.

Compreendendo o significado do texto podemos ter uma maior precisão de que o semblante da caveira nos remete de fato a um sorriso, ao mesmo tempo em que a figura esquelética nos remete à morte, remete também a algo que perdeu a vida, não no sentido literal, mas como um indivíduo que perdeu sua alegria em viver.

Infelizmente, os transtornos psíquicos nos colocam nesta condição de infelicidade com a vida e tudo aquilo que nos cerceia. A vida perde seu brilho, o gosto, a graça. Tudo nos remete a mais do mesmo. Compreendemos a caveira sob seu aspecto figurado e não literal. Mesmo sendo o mais divertido dos amigos, por dentro o indivíduo deixou partir sua aura e tudo aquilo que faz com pele e osso ganhem sentido.

Vale citar aqui o trecho de uma música da banda *Bring Me The Horizon*, traduzida por mim, que elucida uma pouco mais esta perspectiva de um depressivo/ansioso com tendências suicidas:

*Então como ficamos tão estressados, paranóicos?*

*Tudo está ficando sombrio*

*Nada me deixa mais triste do que minha cabeça*

*Estou ficando sem lágrimas, deixo doer até que pare*

*Eu não consigo me controlar, estou escapando de mim*

*Oh, meu Deus, está tudo tão f\*dido (sic!), mas não consigo sentir nada*

*O vazio é mais pesado do que você pensa*

*Estado mental suicida, trágico e violento*

*Perdi minha auréola, agora sou o meu próprio anticristo*

*Estado mental suicida, trágico e violento*

*Perdi minha auréola, agora sou o meu próprio anticristo*

*Estou ficando sem lágrimas, deixo doer até que pare*

*Eu não me controlar, estou escapando de mim*

*Oh, meu Deus, está tudo tão f\*dido, mas não consigo sentir nada*

*O vazio é mais pesado do que você pensa*

*(Bring Me The Horizon, Teardrops, 2020)*

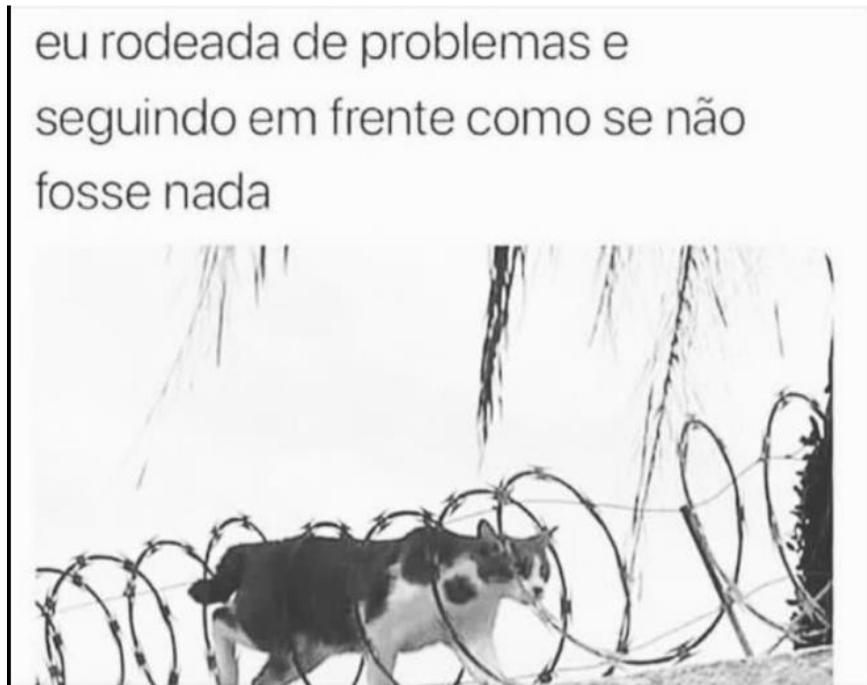
Entrando na camada da terceiridade, quando analiso este meme, por meio das possibilidades que a semiótica nos traz, é a esta letra que a figura da caveira me remete, alguém que perdeu sua áurea, alegria em viver ao mesmo tempo em que aparenta ser o mais divertido de seus amigos.

O humor do signo nasce de um triste antagonismo de forças de duas potências humanas imprescindíveis à nossa existência: vida e morte, um casamento entre alegria e tristeza que se representa pelo desequilíbrio visível existe, pois como alguém que morreu por dentro, ainda sim, pode trazer alegria, rir com os amigos?

Por experiência própria, e aqui me remeto ao início deste trabalho, quando expressei alguns relatos pessoais, não tenho a resposta para esta pergunta acima colocada e é algo que me intriga profundamente enquanto pesquisadora e ser humano portador de transtornos psíquicos. Compreender como alegria e tristeza podem não só conviver, como se expressarem simultaneamente com forças tão semelhantes em um só indivíduo

**welcome to trench**

Figura 7



<https://www.facebook.com/ajudaropovodehumanasoficial/photos/a.1425449610937475/2824217527727336/>

O quarto meme a ser analisado foi extraído da página *Ajudar O Povo de Humanas a Fazer Miçanga*. A distribuição dos elementos no espaço é irregular e desequilibrada. Apresenta-se um espaço vazio ocupando quase dois terços desse espaço e na parte inferior, atravessando de ponta a ponta na horizontal uma imagem tão inverossímil que só pode ser interpretada como uma metáfora.

Nela temos a foto, um sinssigno icônico, de um gatinho andando dentro de uma cerca elétrica de maneira esquiva, a desviar dos trançados dos fios.

Sendo, assim como o meme analisado anteriormente, composto por meio do chamado *print de tela*, acima da foto vem a legenda: *eu rodeada de problemas e seguindo em frente como se não fosse nada*.

A junção de texto e imagem, nos possibilita compreender o papel simbólico da cerca elétrica neste meme, ela representa os problemas que aqui não são especificados e ficam generalizados pelo termo problemas sem um complemento.

O gato neste contexto funciona como um símbolo, no qual o interpretante dinâmico pode se sentir representado pela sua situação de vulnerabilidade e perigo ao caminhar dentro de uma cerca elétrica, assim como é perigoso e precisa de muita coragem para que possamos seguir a vida mesmo com todas as dores e amores que ela nos traz.

O gato mostra um olhar concentrado e determinado, em que, em um terceiro grau da análise, podemos interpretar de que ele é consciente do perigo que enfrenta e mesmo assim continua sua caminhada. Bem como, a pessoa que, ao se identificar com este meme, também se vê cheia de situações conflitantes (problemas) e mesmo assim continua a viver (seguindo em frente).

*Se eu continuar me movendo, eles não saberão*

*vou me transformar em outra pessoa*

*O que eles jogam em mim é muito lento*

*vou me transformar em outra pessoa*

*eu sou apenas um fantasma*

*vou me transformar em outra pessoa*

*(Twenty One Pilots, Morph, 2018. Tradução da autora)*

Os memes do gênero autodepreciativo não seguem regras e por esse motivo, torna-se fundamental que o contexto e as camadas de análise que o compõem sejam levadas em consideração, pois nem sempre utilizarão termos diretos como *tristeza*, *morrer*, *depressão*, *ansiedade*, *transtornos mentais*, entre outros. Há uma vasta gama de memes no estilo dos que aqui estão sendo analisados e passam pelos mais diversos temas da vida adulta, sendo todos relativos a questões de insatisfação pessoal e sentimentos que não encontram melhor forma de se expressar que não seja por meio da ironia.

**i know it's over/ I was born a choker**

Figura 8

**Amizade moderna é composta por 2 pessoas com o psicológico abalado, rindo da própria desgraça e conversando através de memes**



<https://www.facebook.com/ajudaropovodehumanasoficial/photos/a.1425449610937475/2814635892018833/>

Nosso quinto meme em análise vem da Página *Ajudar o Povo de Humanas a Fazer Miçanga*. Trata-se também de um print de tela. A imagem central, é composta por dois indivíduos caracterizados de palhaços. Um tem suas vestes com fortes cores compostas por tons de amarelo, vermelho e laranja. O outro tem suas vestimentas em degrados de cinza e o único destaque de sua roupa está em seu cabelo alaranjado.

Ambos trazem em sua face expressões de tristeza e até mesmo o arqueamento do corpo do palhaço de cinza nos traz a sensação de descontentamento. O palhaço trajado de laranja, fuma um cigarro e aponta para a sua lateral, como se explicasse algo ao outro colega de profissão.

Ainda sobre a análise imagética, notamos que ela é a captura de uma cena e faz parte do filme *Coringa* interpretado por Joaquin Phoenix, nosso palhaço de laranja, uma figura controversa que passa por problemas emocionais graves que o levam a cometer assassinatos e perder a noção da realidade.

Unindo imagem e texto, temos a seguinte frase: *Amizade moderna é composta por 2 pessoas com o psicológico abalado, rindo da própria desgraça e conversando através de memes*. Interessante notar que aqui temos novamente um metameme, que elucida a função dos memes do gênero autodepreciativo. São memes que trazem a autorrepresentação por meio do humor e ironia de situações tristes (os palhaços desiludidos).

O palhaço, aqui, funciona como um sinsigno indicial dicente, uma vez que não é a figura do *Coringa* em si que importa ser representada, mas sim a ideia à qual a figura do palhaço, em específico do palhaço triste nos remete: alguém que é feito de bobo, está desiludido com algo, alguém, a vida, são as duas pessoas com o psicológico abalado, notório pela triste expressão facial e física do palhaço de vestes cinzas.

Apesar do psicológico abalado, e isto fica constatado ao identificarmos quem é o palhaço de laranja, *Coringa* apresenta uma postura corporal que se mostra muito mais resolvida em relação aos problemas da vida e dentro do contexto deste meme, nos é um qualissigno icônico.

Imagem e mensagem ganham ainda mais sentido, assim como o primeiro meme analisado, se compartilhado entre duas ou mais pessoas que usam este meio de comunicação para poder exprimir por meio da ironia, sua dor. Dor e raiva, sentimentos

humanos e que encontram na arte uma forma de liberação e alívio da psique, como segue na canção abaixo:

*I battle with depression, but the question still remains  
Is this post-traumatic stressing or am I suppressing  
rage?*

*(...)*

*It obliterates me, disintegrates me, annihilates me  
'Cause I'm about to break down, I'm searching for a way  
out*

*I'm a liar, I'm a cheater, I'm a non-believer*

*I'm a popular, popular monster*

*I break down, falling into love now with falling apart*

*I'm a popular, popular monster*

*(Falling In Reverse, Popular Monster, 2019)*

there'll be no bad days

Figura 9



**feliz natAU**

@cachorraaaaaa

Natal chegando e nós tamo assim.  
(leia a mensagem primeiro, depois compare com a foto)



<https://www.facebook.com/ajudaropovodehumanasoficial/photos/a.1425449610937475/280>

8618459287243/

O último meme em análise neste estudo, também foi extraído da página *Ajudar o Povo de Humanas a Fazer Miçangas* e assim como os anteriores, trata-se de um print de página. Nosso olhar se atenta para a foto que traz a figura de uma criança com trajes natalinos e uma expressão que parece mostrar sentimentos de desespero e/ou tristeza. Seu rosto está em destaque sob um fundo azul que carrega alguns dizeres e a figura dourada de um sino, este por sua vez um qualissigno icônico, que nos remete aos sinos

natalinos tradicionais dos países do hemisfério norte e que foram incorporados como símbolos de nossa cultura para as comemorações de final de ano.

O fundo da foto é predominantemente azul, cor que normalmente nos remete a sensação de tranquilidade, mas torna-se conflitante com a expressão de desespero do pequeno ser humano, em que não sabemos o que lhe causa essa angústia, nem ao menos, como ajudar a sair daquela situação.

Atentando o olhar aos dizeres que fazem parte da foto, temos:

*Que esta alegria estampada em meu rosto esteja também em todos aqueles que tem fé e esperança de um mundo melhor.*

*Feliz Natal*

*Prospero Ano Novo*

Para compreender a ironia e humor, bem como a função deste meme, precisamos agora atentar nosso olhar para as instruções que estão presentes acima da foto, passadas pelo(a) autor(a) do meme. Nota-se a presença tanto de uma linguagem informal na legenda do meme: *Natal chegado e nós támo assim*. Quanto o uso formal da escrita: *(leia a mensagem primeiro, depois compare com a foto)* para dar as instruções de como interpretá-lo.

Respeitando a ordem dada e seguindo o caminho contrário que aqui fizeram os olhos, temos que a mensagem trazida nesta foto, que parecer ser de lembrança, usada como uma forma de recordação, é uma mensagem que busca dizeres positivos, de fé renovada para o novo ciclo que chega, um ciclo de alegrias. Enquanto a face da criança é tomada por uma expressão de completo desespero, fazendo com imagem e mensagem entrem em contradição, uma vez que não nada no rosto ao qual a frase remete que nos dê a sensação de um sentimento bom, positivo.

Analisando a ironia da foto em conjunto com a legenda inicial do meme *Natal chegado e nós tamo assim*, compreendemos, tendo em vista o cenário dos últimos anos pandêmicos, que toda a alegria e esperança, sentimentos que eram comuns e moviam as comemorações de final de ano, o encerramento de um ciclo, foram tomadas pelo sentimento de desespero e tristeza (tamo assim se liga a face angustiada da criança).

Por mais que os anseios sociais sejam de ainda crer em mundo melhor, momentos de alegria e renovação, o cenário mundial em todas as suas esferas política, ambiental, social, econômica entre outras, dão sinais de que a pandemia está muito longe de terminar, assim como a humanidade caminha a passos largos para um eminente colapso ambiental, escassez hídrica e de outros recursos naturais.

A criança aqui representada olha para este futuro desolador, na qual o ser humano colhe o fruto de suas ações, destruindo seu único lar, a única morada possível de se existir seres da nossa espécie. O desespero nos domina enquanto indivíduo e enquanto espécie, em um século em que a incerteza parece ser, ironicamente, a única sensação da qual temos a plena convicção. No demais, são dúvidas, dúvidas que nos levam a duvidar da capacidade de manter nossa existência por muito mais tempo.

## 2. Considerações finais

Nesta trajetória chamada vida, muitos foram os caminhos, túneis escuros e belas paisagens, projeções da mente, alucinações de realidade que me levaram até o tema de pesquisa apresentado. Fruto de uma mente inquieta, em que humor e dor não só rimam, assim como todo o trabalho se compõe por pura arte, como constituem a pesquisadora que redige esta monografia.

Vislumbro num misto de curiosidade e anseio os próximos passos desta pesquisa que abriu meus olhos para diversidade da qual os memes são feitos. O intuito inicial era demasiado imponente para o curto espaço ao qual se dispõe em um mestrado, compreender a partir da linguagem semiótica, a semelhança entre memes do gênero autodepreciativo que por teoria, unidos a linguagem de Inteligência Artificial seriam capazes de nos dar um padrão, um caminho para localizar pessoas em potencial sofrimento, tendência suicida.

Enquanto redijo aqui as considerações finais, abro uma breve retrospectiva da semana que antecedeu estas palavras, diferente de agora em que me encontro confortavelmente sentada próximo ao jardim de onde moro, estava em atendimento médico, a base de soro, com a mente confusa e cansada aguardando auxílio psiquiátrico em um hospital lotado de pessoas a espera de atendimento e resultado de exames de testes de *influenza* e COVID-19. Pessoas cansadas, preocupadas e muitas vezes, visivelmente tristes e assim como eu.

Nesse processo catártico, aqui cabe um questionamento retórico: como compreender as oscilações da mente humana, algo tão subjetivo ou uma dor abstrata como a depressão, sentimentos, rompantes do corpo que são tomados pela ansiedade?

Um primeiro ponto que levo desta pesquisa é que, assim como a Semiótica, a mente humana possui inúmeros caminhos e possibilidades, bem como formas de expressão e sobre isso cabe minha segunda observação.

Ao início desta pesquisa, via os memes do gênero autodepreciativo, como uma massa homogênea, que se separavam dos demais em um primeiro momento pelo seu tipo de conteúdo e páginas onde era veiculados. Porém, sob a ótica da Semiótica Peirciana, foi possível perceber a singularidade de cada meme extraído e analisado. São muitas as cores, letras, tamanhos e ideias que compõe cada um desses signos aqui expostos. A partir desta compreensão, notei que o meme se configura como tal pela presença de dois elementos fundamentais: ironia e humor, independente de qual seja a sua mensagem final, há sempre uma contradição que leva ao riso.

Os memes do gênero autodepreciativo estão sempre voltados para questões emocionais, sentimentos normalmente negativos, arbitrariedades da vida e frustrações. Muitas vezes funcionam como *metamemes*, ou seja, um meme que explica a função de outros memes do mesmo gênero. Outras como uma ferramenta de socialização capaz de acionar outras pessoas por meio da interação de um único indivíduo, seja esta uma curtida ou comentário chamando mais conexões da rede para aquela interação.

São apontamentos que abrem novos caminhos para os rumos futuros deste trabalho. Com o avanço da inteligência artificial, creio que ainda existam motivos para sonhar com um projeto em que ser humano e máquina possam se entender, em que a máquina possa passar a compreender aquilo que muitas vezes não é dito literalmente, subjetividades como a ironia.

Concluindo mais uma etapa deste estudo, que ao mesmo tempo é a proposta de um trabalho para a vida toda, percebo cada vez mais a importância de se compreender e colocar os memes como tema central de pesquisa dentro da academia, tendo em vista a sua rápida capacidade de propagação, bem como, de mutação. Durante o processo de pesquisa foi possível observar a saída desses conteúdos, antes centrados entre Facebook e Twitter, para novas plataformas como o *TikTok*. Aqui não só a mudança de plataforma, bem como a mudança de formato me chamam a atenção e são movimentos os quais pretendo observar em estudos futuros. A popularização de uma plataforma constituída apenas por vídeos curtos como é o *TikTok*, dá ao meme uma

dimensionalidade diferente da até então usual. Agora, não apenas imagem e texto compõem esta nova forma de linguagem, o som, a música também passar a ser elementos constituintes e passíveis de análise. Mas esta interessante mudança caberá a um próximo estudo.

Concluindo este trabalho, espero aguçar a curiosidade para que possamos continuar a compreender e analisar o meme em sua totalidade, assim como, possamos continuar a ter forças, seja por meio do riso ou da ironia em continuar vivendo e lutando pelo que sonhamos e acreditamos. Um pequeno passo de muitos que ainda estão por vir.

## 1. Bibliografia

ALVES, Rita (2013) **O Ocupa Sampa e a apropriação da cidade: entre o Facebook e o Viaduto do Chá**. Disponível em: < <http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?tag=ocupa-sampa>> Acesso em 06 de dez. de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Ed. Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Ed. Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Ed. Zahar, 2001.

BOOTH, Wayne C. **A Rhetoric of Irony**. Chicago: U of Chicago P, 1974.

BRANCO, Fernanda Falsetti. **Riso à exaustão: o chiste e sua relação com os memes de internet**. São Paulo. 2020.

BROOKS, S. *et al.* **The psychological impact of quarantine and how to reduce it rapid review of the evidence**. Disponível em:

[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30460-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30460-8/fulltext).

Acesso em 15 de jan. de 2022.

BURTON, Tara. **Apocalypse Whatever**. Disponível em:

<<https://reallifemag.com/apocalypse-whatever/>>. Acesso em 15 de jan. 2022

CALDIERARO, Marco A. *et al.* **COVID-19 and mental health in Brazil: Psychiatric symptoms in the general population**. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022395620309870>. Acesso em 04 jan. 2022.

CARVALHO, Tereza Cristina Melo de Brito. **Identidade do Jovem na Sociedade Contemporânea**. Saber Humano, Edição Especial: Cadernos de Ontopsicologia, p. 146-165, fev., 2016. Em: <[saberhumano.emnuvens.com.br](http://saberhumano.emnuvens.com.br)> Acesso em 18 de jul. de 2020

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CHATEAU, L. “**Damn I Didn’t Know Y’all Was Sad? I Thought It Was Just Memes**”: Irony, Memes and Risk in Internet Depression Culture. *M/C Journal*, [S. l.], v. 23, n. 3, 2020. DOI: 10.5204/mcj.1654. Disponível em: <https://journal.media-culture.org.au/index.php/mcjjournal/article/view/1654>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CHUL- HAN, Byung. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**, Itatiaia, 2001.

DOSSIÊ COMUNICA QUE MUDA. **Suicídio: precisamos falar sobre**. Em: <<https://dossie.comunicaquemuda.com.br/suicidio/1-a-escalada-do-suicidio-no-brasil-e-no-mundo/>> Acesso em 25 de out. de 2019.

ENCONTRO DIGITAL. **Unesco mostra que crianças usam a internet cada vez mais cedo**. Em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2018/02/unesco-criancas-usam-internet-cada-vez-mais-cedo.html>> Acesso em 24 de junho de 2018.

FREITAS, Donna. **The Happiness Effect: How Social Media Is Driving a Generation to Appear Perfect at Any Cost**. New York: Oxford UP, 2017.

GODOY, Eduardo Correa de. **Memes na internet: uma análise da produção, dos usos e dos sentidos**. São Paulo, 2020.

KAMPF, Cristiane. **A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento.** ComCiência [online]. 2011, n.131. Disponível em <<http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n131/a04n131.pdf>> Acesso em outubro de 2018

LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista,** cia das letras, São Paulo, 2015.

MCCOSKER, Anthony; GERRARD, Ysabel. **Hashtagging Depression on Instagram: Towards a More Inclusive Mental Health Research Methodology.** New Media & Society (2020). <<https://doi.org/10.1177/1461444820921349>>.

MCCOSKER, Anthony. **Digital Mental Health and Visibility: Tagging Depression.** In Digital Media: Transformations in Human Communication. Eds. Paul Messaris and Lee Humphreys. New York: Peter Lang, 2017.

MENEGHETTI, A. **Os Jovens e a Ética Ôntica. Ontopsicológica.** Editora Universitária. Recanto Maestro – Restinga Seca - RS, Brasil, 2013.

MILNER, Ryan M. **Pop Polyvocality: Internet Memes, Public Participation, and the Occupy Wall Street Movement.** International Journal of Communication 7 (2013): 2357-2390.

PADUA, Camila Giovanelli Sampaio. **Sofrência Online: Estudos de jovens nas redes sociais-Facebook.** Trabalho de Conclusão de Curso- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PEIRCE, C. S. O que é um signo? **The Monist**, tradução Ana Maria Guimarães Jorge, 1894. Disponível em:  
[http://www.faap.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_18/ana.pdf](http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_18/ana.pdf). Acesso em: 1 de dezembro de 2018

RAQUEL RECUERO. **O Facebook é o novo reino dos memes**. Em <  
<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2011/11/o-facebook-e-o-.html>> Acesso em 28  
de out. de 2018.

\_\_\_\_\_. 2012. **O capital social em rede: como as redes sociais na  
internet estão gerando novas formas de capital social**. Disponível  
em:<<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6295/4671>  
> Acesso em out. de 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Anotações de aula**. Disciplina Semiótica Pragmática, segundo  
semestre de 2021, PEPG Comunicação e Semiótica, PUCSP.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo, Cengage Learning, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Introdução à semiótica: passo a passo para  
compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2017.